

ÀS VOLTAS COM O ESTABELECIMENTO DE UM *CORPUS* PARA TRAÇAR UM PANORAMA DA TRADIÇÃO GRAMATICAL GRECO-LATINA¹

Maria Carlota Rosa²

carlota@ufrj.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a elaboração de um *corpus* de autores para traçar um panorama dos estudos gramaticais tradicionais. Para isso, uma questão metodológica: qual o objetivo desse panorama? Uma vez decidido que os trabalhos antigos não serão vistos como produção inferior, ou como importantes apenas caso se vislumbre alguma semelhança com o pensamento linguístico de alguma corrente atual, levantam-se fatores que ajudam a avaliar, mesmo que indiretamente, a penetração que uma obra teve no passado.

PALAVRAS-CHAVE: *corpus* representativo de autores; tradição gramatical; Historiografia da Linguística.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir os critérios para compor um *corpus* de autores para traçar um panorama da tradição gramatical a partir de Quatrocentos com o foco voltado especialmente para o mundo luso-brasileiro. A questão nasceu de necessidades didáticas, a saber, como estabelecer os conteúdos de uma disciplina com esse foco. Deixa-se de lado a discussão da periodização e se assume a divisão por séculos. Deixa-se de lado também uma questão especialmente importante se o foco do estudo fosse a baixa Idade Média: o anonimato das obras

¹ Versão preliminar deste trabalho escrita para a disciplina Panorama Histórico da Tradição Greco-Latina, ministrada em conjunto com os Professores Afrânio Gonçalves Barbosa e Edwaldo Cafezeiro na UFRJ, como atividade conjunta do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Letras Vernáculas) no primeiro período de 2005. Agradeço a ambos e também aos alunos daquela turma as discussões.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Departamento de Linguística e Filologia/ Programa de Pós-Graduação em Linguística.

gramaticais ou a vinculação da obra a um nome que não se consegue localizar nem no espaço nem no tempo (*vide* Law, 1993:8).

Um *panorama da gramaticografia* procura ser uma seleção de obras gramaticais representativas do recorte temporal e geográfico a ser estudado. *Representativo* é aqui um indicador de que os autores selecionados foram lidos e de que influenciaram outros autores, ajudando a construir, na terminologia de Koerner (1989), o *clima de opinião* sobre o tema em dada época. Em conjunto, os autores selecionados formariam a visão dominante de um período. Dada a impossibilidade de se focalizar todas as obras gramaticais de um período de alguns séculos, propor um panorama de estudos gramaticais obriga os empreendedores de tal tarefa a se defrontarem com problemas metodológicos que, ao fim e ao cabo, vão justificar uma dentre outras visões panorâmicas igualmente possíveis e igualmente justificáveis.

2. VERNÁCULO E LATIM

A tradição gramatical medieval atribuiu ao latim quatro elementos constituintes: *natura*, *ratio*, *consuetudo* e *auctoritas*. A *natura* dizia respeito ao que era possível ou não na língua, não sendo, portanto, alvo de disputas. Os outros três aspectos regulavam o discurso correto, justificando formas linguísticas e regras: a *ratio*, a justificação intelectual, estava em acordo com a *ars*; a *consuetudo* ('costume'), com aquilo que é sancionado e adotado pelo uso; a *auctoritas* ('autoridade'), último recurso, abonava um uso desviante com os escritos dos que têm autoridade (Law 1990; Amsler 1993).

Fora de questão transpor os problemas concernentes ao uso correto para um vernáculo, isto é, para “a fala transmitida de pai para filho, como meio principal de comunicação”, na definição de Wardhaugh (1986: 37), neste caso, o português. Não havia como sancionar um uso vernáculo com base na *consuetudo* ou na *auctoritas*, uma vez que não se escrevia em vernáculo. Do mesmo modo, não havia espaço para a *ratio*, porque se considerava que os vernáculos não tinham gramática. A Idade Média referiu-se aos vernáculos (o português, o castelhano, o francês, o catalão ...) como *lingoagens*, não como línguas. Ao contrário do latim, os vernáculos não se destinavam à representação escrita, mas a serem falados:

Nessa época era muito difícil escrever em língua materna e, ainda mais, ensiná-la. Não havia uma língua francesa para a escrita, tampouco uma italiana, e é inútil mencionar quaisquer outras. A língua materna não tem uma gramática e até mesmo a reprodução dos fonemas por meio de letras ainda permanece incerta. (I. Hajnal. *Apud* Verdelho 1988:61n)

Ao contrário do latim, os vernáculos deveriam ser aprendidos na prática e não tinham nem necessidade nem possibilidade de estudo sistemático, ao mesmo tempo em que se fortalecia a crença em sua inferioridade face ao latim³.

Com a chegada do Renascimento, aos poucos, esse quadro começaria a ser alterado. O latim não era língua de ninguém, e os vernáculos passavam a servir de porta para seu ensino. A motivação para a introdução dos vernáculos nos estudos é, portanto, a princípio, pedagógica. Ou pedagógico-moral, se pensamos nas palavras de Antonio de Nebrija: “por que las mujeres religiosas vírgines dedicadas a Dios, sin participacion de varones pudiesen conocer algo de la lengua latina” (Nebrija, *Introducciones latinas ... contrapuesto el romance al latin*. Salamanca. ca. 1486: fol a2. *Apud* Padley 1988: 160n).

A tensão entre vernáculo e latim compõe o pano de fundo do que se segue. O latim era a segunda língua de escolarizados e a metalíngua da escola. Que latim é esse é um aspecto que não estará em discussão neste texto.

3. ESTABELECENDO O OBJETIVO

Ainda antes de pensar nos autores é necessário estabelecer o objetivo do panorama a ser traçado, fator que imprimirá sua marca na escolha dos pontos do passado que serão focalizados. Este aspecto metodológico ganhou importância com a discussão que se seguiu ao lançamento de *Linguística cartesiana*. A famosa incursão de Noam Chomsky (n. 1928) na história da Linguística e as críticas que se seguiram à publicação desse livro levaram Chomsky a assim justificar seu capítulo de história, ao debater com o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) na televisão holandesa em 1971:

So one might say that I'm looking at history not as an antiquarian, who is interested in finding out and giving a precisely accurate account of what the thinking of the seventeenth century was (I don't mean to demean that activity, it's just not mine) but rather from the point of view of, let's say, an art lover, who wants to look at the

³ Como, por exemplo, ilustrado em Di Stefano (1974) com os problemas lexicais de três copistas de Trezentos ao traduzirem Valério Máximo para o francês. Um exemplo: “*Siculum en latin que je ne sçay dire en rommant*”.

seventeenth century to find in it things that are of particular value, and that obtain part of their value in part because of the perspective with which he approaches them.

And I think that, without objecting to the other approach, my approach is legitimate; that is, I think it is perfectly possible to go back to earlier stages of scientific thinking on the basis of our present understanding [...] (In Chomsky & Foucault, 2006: 10)

A necessidade de explicações ainda persistiria seis anos mais tarde, na entrevista que Chomsky concedeu à linguista francesa Mitsou Ronat (1946-1984):

I am not proceeding in the manner of an art historian so much as that of an art lover, a person who looks for what has value to him in the seventeenth century, for example, that value deriving in large measure from the contemporary perspective with which he approaches these objects. Both types of approach are legitimate (In Chomsky & Foucault, 2006: 136)

Chomsky deixava claro que diferentes motivos podem levar a reconstruir o passado linguístico e que os seus eram tão justificáveis quanto outros, posição que estava – e está – longe de ser consensual.

A perspectiva de Chomsky foi identificada por Koerner (1995:4; também Koerner, 1989, mas com três visões) como uma dentre quatro abordagens possíveis do passado dos estudos linguísticos, aqui resumidas assim: 1) apontar o caminho linear que levou ao sucesso presente; 2) demonstrar que o estado atual suplanta o passado imediato, que não merece atenção, e tem raízes mais antigas; 3) demonstrar o que poderia ser resumido na metáfora do anão no ombro do gigante; e 4) reconstruir um dado período para compreender o *clima de opinião* de então.

Diferentemente de Chomsky, dentre as quatro possibilidades é nesta última perspectiva, não na segunda delas, que se enquadram as questões que se seguem. Definido o quadro em que se inserirá o panorama, discutem-se nas seções a seguir três fatores que, de forma indireta, permitem considerar as evidências de penetração de uma obra.

4. UM PANORAMA POSSÍVEL DENTRE OUTROS PANORAMAS POSSÍVEIS

A penetração de um autor pode sofrer interferência de problemas relativos à circulação do livro. No mundo português o século XVIII foi uma época particularmente difícil, em razão das atividades dos Visitadores do Santo Ofício, da criação da Mesa Censória (1768-1787), posteriormente transformada em Real Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura dos Livros,

no bojo da política pombalina que providenciou diversas queimas de livros (*vide*, por exemplo, Fávero, 1996).

A destruição de bibliotecas infelizmente faz parte da história das civilizações. Um exemplo tristemente recente foi a queima, em meados de abril de 2003, de um milhão de livros da Biblioteca Nacional de Bagdá, dos dez milhões de registros do Arquivo Nacional naquela cidade, a que se somaram os das bibliotecas da Universidade de Bagdá (Báez, 2004: 18). Mas não é necessário nem mesmo haver uma guerra ou um regime totalitário para haver biblioclastas: segundo Báez (2006: 55), Platão, além de negar-se a citar Demócrito, teria tentado acabar com seus tratados, queimando-os.

Um fator a ser considerado na penetração de idéias gramaticais é o apoio, ou, ao contrário, a desaprovação, de instâncias oficiais. No mundo português Gonçalves (2007), voltada para o período compreendido entre 1750 e 1850, levanta essa questão:

Presente em muitas das gramáticas do pequeno *corpus* aqui analisado [...], o eclectismo descobre-se desde logo nas fontes citadas ou referidas. Para lá das influência implícitas, a variedade das correntes representadas pelas fontes citadas (racionalista, “sensista” ou “sensualista” e “ideologia”), bem como a integração desses contributos numa mesma obra faz da produção peninsular um produto que raras vezes tem uma única filiação. [...] A isto acresce o facto de a produção gramatical portuguesa raramente visar objectivos programáticos fixados pelas instâncias oficiais, à semelhança do que acontecera em França com as Écoles Royales Militaires e em Espanha, com a Real Academia.[...] a verdade é que os textos gramaticais portugueses eram fruto da iniciativa individual, não da encomenda feita por entidades oficiais, com tudo o que isso significou em termos de escassez de “correntes” ou “escolas” verdadeiramente nacionais, embora seja certo que, naquela época, a França ditava o modelo dos estudos gramaticais e linguísticos em toda a Europa [...]

Uma obra indicada para uso no ensino ou, ao contrário, de leitura proibida são, em princípio, candidatas ao *corpus*.

5. ESSA OBRA FOI IMPORTANTE EM SEU TEMPO?

Nem sempre é simples ter certeza da importância de um texto em passado não muito recente. Vamos buscar indícios em aspectos interligados: a) nos acervos de bibliotecas com coleções de obras antigas; b) nas referências ao trabalho deixadas por outros autores; c) nas edições que a obra recebeu.

5.1 OS ACERVOS

Em 1966, Noam Chomsky publicava a *Linguística cartesiana*, e nessa obra retomava um texto gramatical já então pouco conhecido: a *Grammaire Générale et Raisonnée* (GGR), publicada pela primeira vez em 1660⁴. A GGR fora escrita por Antoine Arnauld (1612-1694) e Claude Lancelot (ca.1615-1659), religiosos então alinhados com uma seita divergente do Catolicismo, o Jansenismo, na abadia de Port-Royal des Champs. A obra fazia parte do projeto pedagógico que ficaria conhecido como *petites écoles de Port-Royal* (1637-1660).

Chomsky encontrou nesse texto antecedentes para alguns dos pontos que a então gramática gerativo-transformacional havia considerado fundamentais, que se contrapunham ao precedente enfoque estruturalista. Afirmações como “buscar as razões de várias coisas que são comuns a todas as línguas”, presente logo no primeiro parágrafo do prefácio da GGR, podiam ser interpretadas como precursoras do interesse na busca de universais – com raízes bem anteriores à visão estruturalista de que as línguas podem diferir sem limites e de modos imprevisíveis (Joos, 1957: 196).

Ao ser focalizada por Chomsky, a GGR despertaria subitamente o interesse dos linguistas. A partir de então, a obra ganharia novas edições e traduções, inclusive em português⁵. Tornava-se, por essa razão, bastante conhecida na segunda metade do século XX. A repercussão tantos séculos após seu lançamento já seria um argumento para a inclusão dessa obra num panorama de estudos gramaticais. O interesse decorrente do sucesso da obra chomskyana não pode, contudo, dizer-nos como foi recebida no passado, nem nos permite avaliar a amplitude de sua penetração quando foi inicialmente publicada.

Caso se busque Arnauld no catálogo de uma biblioteca de grande acervo como a British Library, encontram-se 139 entradas. Em data posterior à obra chomskyana, são cinco as edições da gramática naquele acervo. Antes de 1966, são quatro⁶. Afora as questões religiosas, a ênfase editorial antes de 1966 não está na GGR, mas numa obra posterior, de 1662, *La Logique ou*

⁴ Para uma discussão acerca da filiação intelectual dos eruditos de Port-Royal a Descartes, ver o artigo de W. Keith Percival *On the Non-Existence of Cartesian Linguistics*, publicado originalmente em *Cartesian Studies*, editado por R. J. Butler (Oxford: Basil Blackwell, 1972), p. 137–145. Sua edição na internet ganhou um *postscript* de 2009. Para um resumo das quase quatro décadas de críticas, favoráveis e acerbas, geradas por *Linguística cartesiana*, ver o capítulo de Margareth Ann Thomas sobre as obras gramaticais de Port-Royal (Thomas, 2004).

⁵ ARNAULD & LANCELOT. 1660. *Gramática de Port-Royal* ou *Gramática geral e razoada* [...]. Trad. B. F. Bassetto e H. G. Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁶ A saber: Paris, 1679; Amsterdam, 1703; Londres, 1753; Paris, 1846.

l'art de penser, também de Antoine Arnauld, desta feita com Pierre Nicole (1625–1695). Até 1877, a *Lógica* havia recebido 49 edições em francês, 13 em latim e 9 em inglês (Wheeler, 1995: 172). Há ainda edições da correspondência entre Antoine Arnauld e Renée Descartes (1596-1650), entre Arnauld e Gottfried W. Leibniz (1646-1716) ou Ernst von Hessen-Rheinfels (*fl.* 16-). Indubitavelmente, porém, as obras teológicas constituem a maioria dos títulos do autor e a quase totalidade no período de vida de Arnauld – o que não é de causar estranheza, tendo em vista as atribuições por que passou: sua oposição aos Jesuítas, a condenação por heresia em 1655 e, a partir de 1678, o exílio em Bruxelas, onde viria a falecer.

A British Library é uma grande biblioteca do mundo anglo-saxão. Não reflete, necessariamente, o quadro ao sul da Europa, mais precisamente em Portugal. A Biblioteca Nacional de Portugal dá-nos apenas seis registros para Antoine Arnauld. São três edições da *GGR* da segunda metade do século XX (1972, 1975 e 1993), sendo posteriores, portanto, à *Linguística cartesiana*; dois registros correspondem a edições da *Lógica*, respectivamente, de 1759 e 1978; o último registro, no âmbito da disputa com os Jesuítas, apresenta algum problema, porque a data da edição, 1594, antecede em 18 anos o nascimento do autor; e sequer poderia ser de autoria do pai homônimo, que viveu entre 1597 e 1619.

A edição mais antiga de uma obra de Arnauld no acervo da biblioteca portuguesa é de 1759. Esse ano é emblemático porque marcou o expurgo das obras jesuíticas em Portugal (Fávero 1996: 279), no bojo da reforma educacional pombalina, intensificada a partir do ano anterior em razão do atentado ao rei D. José I (1714-1777), numa sucessão de acontecimentos que levaria ainda à supressão da Companhia de Jesus, à sua expulsão daquele país e ao confisco de seus bens. É a partir também da reforma pombalina que referências explícitas a religiosos de Port-Royal espriam-se no mundo português, através de autores como, por exemplo, Luiz António Verney (1713-1792), Jerónimo Contador de Argote (1676-1749), João Jacinto de Magalhães (1722-1790).

No período de vida de seus autores, a *GGR* não parece ter tido grande penetração em Portugal. Os inicianos dominavam, desde o século anterior, o ensino em Portugal – ministrado em latim – e ampliariam esse domínio para o Brasil e para a Índia (Verdelho, 1982: 347). Some-se a isso que em 1653 a Bula *Cum Occasione*, do Papa Inocêncio X (1574-1655), considerava heréticas as propostas teológicas dos jansenistas, e que a procura de Arnauld em provar que as

propostas heréticas não estavam no texto de Jansênio (1585-1638) o levou a um julgamento que determinou sua expulsão da Sorbonne em 31 de dezembro de 1656 (Kremer, 2008).

As evidências de pouca penetração dessa gramática no mundo português no século XVII parecem encontrar respaldo num manuscrito anônimo do século XVIII, o *Catalogo das artes de grammatica em todas as linguas*. O *Catalogo* registrou uma lista de 186 títulos de obras gramaticais variadas, coleção muito maior do que a média de 25 livros das bibliotecas particulares da época, segundo as listas entregues à Real Mesa Censória (Rosa, 2000). Certamente eram obras de uma biblioteca especializada, uma vez que o *Catalogo* descreve o estado material dos exemplares (Rosa, 2000). O *Catalogo* abrange publicações de 1494 a 1753. Nele não se incluiu a *GGR*, embora se tenham incluído o *Méthode pour apprendre facilement la langue latine*, numa edição de 1696, e o *Abregé de la Nouvelle Méthode*, de Claude Lancelot, numa edição de 1714⁷. A influência da *GGR* se faria sentir, porém, em obras do século XVIII-XIX português, que ficariam conhecidas como representantes da *gramática filosófica*, como a *Gramática filosófica da língua portuguesa*, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, de 1783, e a *Gramática filosófica* de Jerônimo Soares Barbosa, de 1822 (vide Torres, 2004).

5.2 AS REFERÊNCIAS

Embora os acervos possam servir de fonte de informação, podem ser, também, enganadores. Uma obra pode desaparecer fisicamente. Exemplares muito manuseados podem não resistir a seus leitores; guerras, incêndios e censura podem ser ainda mais devastadores. Neste sentido, o cenário de desaparecimento de livros que Báez (2006) apresenta é desolador. Um pequeno exemplo extraído dessa obra, no tocante à Grécia antiga (Báez, 2006: 52-53):

Os *Partenion*, coleção de poemas em seis livros, escritos por Alcmano de Sardes, perderam-se. [...]

Um caso particularmente delicado é o de Aristófanes de Atenas, o comediógrafo. De quarenta comédias autênticas apenas sobreviveram 11, mais uns mil fragmentos preservados graças a papiros descobertos e citações de lexicógrafos [...] Perderam-se as 101 comédias de Difilo de Sínope, as cem comédias de Eubulo de Atenas e as 250 comédias de Alexis de Turi.

⁷ Itens 28 (*Methode Latine pour apprendere facilement La Langue Latine*. in 8. Paris 1696) e 151 (*Abregé de La Nouvelle Methode pour apprendre facilement La Lengua Latine* : in 8. Tolosa 1090) do *Catalogo*.

Assim, as referências à obra são um tipo de evidência que prescinde da existência física de exemplares em acervos.

5.3 AS EDIÇÕES

Tomem-se três gramáticas latinas: Juan de Pastrana (fl.14-), Estêvão Cavaleiro (14--15-) e Manuel Álvares (1526-1582).

No século XV, os estudos gramaticais (*i.e.*, de gramática latina) na Universidade de Lisboa seguiram a linha de Juan de Pastrana, a partir de sua introdução por Antônio Martins (fl. 14-) ainda no tempo D. Afonso V (Machado, 1741-59: I, 323). A gramática de Pastrana, *Compendium grammaticae*, de 1462, foi a primeira gramática latina com glosas em vernáculo (Padley, 1988: 180n): em espanhol (ou em português, na sua versão de Lisboa) para os exemplos do latim.

Exemplum Muyto mais asno es que teu parçeiro. Componitur. Tu es valde magis asinus quam tuus socius. [...] Exemplum Todo ho pay he muyto mais velho que o filho. Componitur. Omnis pater est valde senior filio vel quam filius.
(*Grammatica Pastranae* Lisboa: Valentim Fernandes. 1497. fol. bb4)

Em 16 anos, essa obra conheceria quatro edições em Portugal (1497, 1501, 1512 e 1513) e seria multiplicada por muitos comentadores: são alguns deles Antônio Martins, Pedro Rombo (?-1533) e João Vaz (fl. 14--), todos leitores de gramática na Universidade de Lisboa (Rosa, 1994: I,52ss). A importância de Pastrana foi tamanha em Portugal que Verdelho (1988) chega a denominar *período pastrano* ao período que perduraria até a morte de Pedro Rombo. Madahil (1955:18) aponta que bem mais tarde, no século XVIII, um soneto da *Macarronea latino-portuguesa* ainda tratava o calouro por *pastrano*. E dicionários atuais de português, como *Aurélio* e *Houaiss*, ainda registram *pastrano* como equivalente a ‘rude’, ‘grosseiro’.

A obra de Pastrana e de seus seguidores conheceria pelo menos dois críticos severos: Antônio de Nebrija (1444-1522) na Espanha e, em Portugal, Estêvão Cavaleiro, autor da *Nova grammatices Marie Matris Dei Virginis ars* (Lisboa: Valentim Fernandes, 1516). Inimigo pessoal de Pedro Rombo, Cavaleiro e sua gramática não teriam lugar na Universidade de Lisboa, e a briga entre ambos tornar-se-ia um caso policial. O Humanismo em Portugal faria cair em esquecimento a *arte nova* de Pastrana e seus seguidores; Cavaleiro, por sua vez, isolado e fora da universidade, não conheceu o sucesso de sua obra. Com a morte de Rombo, começaria o

domínio da *nova gramática*, de cunho humanista, e a gramática latina de Antônio de Nebrija passaria a ser lida na Universidade.

A gramática latina que eclipsaria qualquer outra no século XVII e até meados do XVIII é a gramática do jesuíta Manuel Álvares, *De institutione grammatica libri tres*, publicada em Lisboa em 1572. Segundo Verdelho (1983: 351, n. 6), a obra de Álvares conheceria 531 edições. Em Portugal foram 3 edições no século XVI, 13 no XVII e 9 no XVIII, além de uma edição comemorativa no século XX (Verdelho, 1983: 351). Sua influência está também evidenciada na quantidade de referências e de comentadores, como Madureira Feijó (1688-1741), Bartolomeu Rodrigues Chorro (fl. 16-), Francisco da Costa (?-1624), António Franco (1632-1732), João Nunes Freire (Fl. 16-), para citar alguns, cada um deles também com várias reedições. A obra de Álvares constituiu-se ainda no modelo para a quase totalidade das obras missionárias da Companhia de Jesus sobre as línguas do Novo Mundo⁸. Um indício de sua penetração sem paralelo emerge da leitura de textos que, mesmo sem referência explícita, remetem às regras da obra de Álvares sem necessidade de reprodução de mais de duas ou três palavras daquele texto (Rosa, 2006).

Não há, por conseguinte, dúvidas quanto à importância que Pastrana e Álvares tiveram em dada época. É mais difícil tirar conclusões sobre a obra de Cavaleiro. O fato de Cavaleiro ter tido uma única edição em seu século poderia, ainda assim, visto em isolado, não ser conclusivo. Seus exemplares poderiam ter tido leitores interessados. Não seria esse um episódio único, que poderia encontrar paralelo na famosa obra de Copérnico.

Arthur Koestler (1905-1983), professor de História Moderna da Universidade de Cambridge, afirmou em *The Sleepwalkers: A History of Man's Changing Vision of the Universe*, que *De revolutionibus*, de Copérnico (1473-1543), era “o livro que ninguém leu” (Koestler, 1959: 191):

1. The Book that Nobody Read

THE *Book of the Revolutions of the Heavenly Spheres* was and is an all-time worst-seller.

Its first edition, Nuremberg 1543, numbered a thousand copies, which were never sold out. It had altogether four reprints in four hundred years: Basle 1566, Amsterdam 1617, Warsaw 1854, and Torun 1873. It is a remarkable negative record, and quite unique among books which made history. To appreciate its significance, it must be compared with the circulation of other contemporary works on astronomy. The most popular among them was the textbook by a Yorkshireman, John Holywood, known as

⁸ Algumas descrições têm como referência direta a *Janua Linguarum* jesuíta.

Sacrobosco (died 1256), which saw no less than fifty-nine editions.² The Jesuit father Christophe Clavius' *Treatise on the Sphere*, published in 1570, had nineteen reprints during the next fifty years. Melanchton's textbook, *Doctrines of Physics*, which was published six years after Copernicus' book and which attempted to refute Copernicus' theories, was reprinted nine times before the *Revolutions* was reprinted a single time (1566); and had a further eight editions later on. Kaspar Peucer's textbook on astronomy, published in 1551, was reprinted six times in the next forty years. The works just mentioned, plus Ptolemy *Almagest* and Peurbach *Planetary Theory* reached altogether about a hundred reprints in Germany till the end of the sixteenth century—the *Book of Revolutions*, one.

Owen Gingerich, professor de Astronomia e de História da Ciência na Universidade de Harvard, por conta dessa afirmativa que parecia contradizer exemplares anotados com que se deparara, iniciaria uma busca de cerca de 30 anos pelos exemplares da primeira e da segunda edição de Copérnico. Levantou, em razão desse trabalho, evidências de que os exemplares estavam, na sua maioria, anotados por seus primeiros possuidores, história relatada em 2004 n' *O livro que ninguém leu*. Koestler havia, portanto, se equivocado.

Mas e se por hipótese ninguém houvesse lido Cavaleiro quando foi editado? Certamente ele não teria sido representativo, mas retirar Cavaleiro e suas críticas deixaria uma lacuna sobre nosso conhecimento desse período. E surge, então, a questão sobre que História está em jogo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar um panorama da gramaticografia é desafiador, e não é despropositada a metáfora do antiquário. Diferentemente da metáfora do amante da arte, interessado no passado apenas na medida em que as questões então levantadas fossem as mesmas que interessam às teorias atuais, na ótica do antiquário é preciso buscar as questões que foram importantes para uma dada época e buscar entendê-las em seu contexto.

Algumas obras não deixarão dúvidas quanto à sua importância no passado; para outras, os dados formam retratos pouco nítidos. Mas aqui há também uma outra questão: a decisão quanto às visões não dominantes. Há muito material a ser resgatado de bibliotecas que, como nota Gonçalves (2004), permitiria uma história com menos hiatos e sombras. Um *panorama* será apenas uma primeira aproximação ao estudo do passado gramatical.

Referências Bibliográficas

1. ANÔNIMO. *Cathalogo das artes de grammatica em todas as linguas*. [s.l., s.d.]. 12 fls. ms. (Códice 354 – Biblioteca Nacional, Lisboa).
2. ARNAULT, Antoine & LANCELOT, Claude. 1660. *Grammaire générale et raisonnée* [...]. Paris: Republications Paulet, 1969.
3. ARNAULD, Antoine & NICOLE, Pierre. 1662. *La logique ou l'art de penser*. Introd. Louis Marin . [Paris] : Flammarion, 1978.
4. BÁEZ, Fernando. 2004. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Ediouro.
5. CHOMSKY, Noam. 1966. *Linguística cartesiana*. Trad. Francisco M.. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1972.
6. CHOMSKY, Noam & FOUCAULT, Michel. 2006. *The Chomsky-Foucault debate on human nature*. New York: The New Press.
7. ESTÊVÃO CAVALEIRO. 1516. *Noua grammatices Marie Matris Dei uirginis ars*. Lisboa: Valentim Fernandes da Nação dos Germanos, 1516.
8. FÁVERO, Leonor Lopes. 1996. *As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*. [Campinas]: Ed. da Unicamp.
9. FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean. 1958. *The coming of the book*. Trad. David Gerard. London/New York: Verso, 1976.
10. GINGERICH, Owen. 2004. *O livro que ninguém leu: em busca das Revoluções de Nicolau Copérnico*. Trad. Bruna Harstein. Rio de Janeiro: Record, 2008.
11. GONÇALVES, Filomena. 2004. Historiografia menor da questão ortográfica em Setecentos : proposta que fez o Pe. João Bautista de Castro aos eruditos da Corte de Lisboa. In: BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia & BARROS, Clara, orgs. *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto : Universidade do Porto. Faculdade Letras, 2004. p. 107-127. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1247&sum=sim>
12. GONÇALVES, Filomena. 2007. Correntes paralelas da gramaticografia peninsular: o problema da “ordem das palavras” (1750-1850). In Ángel Marcos de Dios, ed. *Actas del Congreso Internacional Relaciones Lingüísticas e Literárias entre Portugal y España*. Salamanca:

- Ediciones de la Universidad de Salamanca. Disponível em:
http://www.projectos.uevora.pt/cenaculo/pub_pdf/Filomena2_Correntes.pdf
13. JOOS, Martin, ed. 1957. *Readings in Linguistics I: The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-56*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
 14. KREMER, Elmar. 2008. Antoine Arnauld. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Online. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/arnauld/>
 15. KOERNER, Konrad. 1989. The Neogrammarian Doctrine: The breakthrough or extension of the Schleicherian Paradigm. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamins. p. 79-100.
 16. KOERNER, E. F. K. 1995. History of Linguistics: The field. In: KOERNER, E.F.K. & ASHER, R.E. 1995. *Concise history of the language sciences: From the sumerians to the cognitivists*. [Oxford]: Pergamon. p. 3-7.
 17. KOESTLER, Arthur. 1959. *The Sleepwalkers: A History of Man's Changing Vision of the Universe*. New York: McMillan. Disponível em: <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=59255222>
 18. LANCELOT, Claude. 1644. *Nouvelle methode pour apprendre facilement et en peu de temps la langue latine*. Fac-simile disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k498067.image.f9.pagination>
 19. LANCELOT, Claude. 1655. *Nouvelle methode pour apprendre facilement la langue grecque*. Fac-simile da segunda edição de 1663 disponível em: http://books.google.com.br/books?id=5mkTAAAAQAAJ&pg=PR3&lpg=PR3&dq=o++Nouvelle+methode+pour+apprendre+facilement+la+langue+grecque&source=bl&ots=3GtxNFdOvS&sig=nZfiWaeWAVaRxZ54Vqr_jdEAp98&hl=pt-BR&ei=75mUSp2qMs2ptgewxIBJ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=9#v=onepage&q=&f=false
 20. LAW, Vivian A. 1990. *Auctoritas, consuetudo and ratio in St. Augustine's Ars grammatica*. In: BURSILL-HALL, G. L.; EBBESEN, Sten & KOERNER, Konrad, eds. *De ortu grammaticae*. Amsterdam: John Benjamins.
 21. MACHADO, Diogo Barbosa. 1741-1759. *Bibliotheca lusitana [...]*. Lisboa Occidental: Antonio Isidoro da Fonseca.

22. MADAHIL, António Gomes da Rocha. 1955. Novos testemunhos da actividade tipográfica de Lisboa no século quinze. Sep. da *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal.
23. PADLEY, G. A. 1988. *Grammatical Theory in Western Europe 1500-1700: Trends in Vernacular Grammar II*. Cambridge: Cambridge University Press.
24. PASTRANA, Juan de; ROMBO, Pedro; MARTINS, António. 1497. *Compendium breue & utile: siue tractatus intitulus: Thesaurus pauperum siue speculum puerorum editum a magistro Johãne de pastrana; Materiarum editio ex baculo cecorum a Petro Rombo in artibus baccalario breuiter collecta; Antonij martini primi quondã huius artis pastrane in alma uniuersitate Vlixbonensi preceptoris. materiarum editio a baculo cecorum breuiter collecta*. Lisboa: Valentim Fernandes de Morávia. s.d.; vj. kalendas Iunij [27/05]; 20/06/1497.
25. PERCIVAL, W. Keith. [1972] *On the Non-Existence of Cartesian Linguistics*. Disponível em <http://people.ku.edu/~percival/CartesianLinguistics.pdf>. Versão online acrescentada de um *postscript* de 2009.
26. ROSA, Maria Carlota. 1994. *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2v. Tese de Doutorado em Linguística.
27. ROSA, Maria Carlota. 2000. Uma coleção gramatical setecentista. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, 9: 17-49, jul.-dez. 2000.
28. ROSA, Maria Carlota. 2006. Revendo uma das críticas às descrições missionárias. *Revista de Estudos da Linguagem*. v.14, p.203 - 230, 2006.
29. STEFANO, G. di. 1974. Le traducteur comme lexicographe. XIV Congresso Internazionale de Linguistica e Filologia Romanza. Napoli, 15-20 aprile 1974. *Atti ... Napoli & Amsterdam: Gaetano Macchiaroli/ John Benjamins*. 5v. v.4.45-56.
30. THOMAS, Margareth Ann. 2004. *Universal Grammar in Second-Language Acquisition: A History*. Routledge (Taylor and Francis Group).
31. TORRES, Amadeu. 2004. O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa. In: BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia & BARROS, Clara, orgs. *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto : Universidade do Porto. Faculdade Letras, 2004. p. 385-395. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1247&sum=sim>
32. VERDELHO, Telmo. 1982. Historiografia linguística e reforma do ensino: a propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal. *Bragantia*, 2 (4): 347-356.

Out.-Dez.-1982.

Disponível

em:

http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Historiografia_linguistica_memoria_ensino.pdf

33. VERDELHO, Telmo. 1988. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Dissertação de Doutorado em Linguística. Aveiro: Universidade de Aveiro.
34. WARDHAUGH, Ronald. 1986. *An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell.
35. WHEELER, Garon. Port-Royal tradition of general grammar. In: In: KOERNER, E.F.K. & ASHER, R.E. 1995. *Concise history of the language sciences: From the sumerians to the cognitivists*. [Oxford]: Pergamon. p. 169-174.

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a elaboração de um *corpus* de autores para traçar um panorama dos estudos gramaticais tradicionais. Para isso, uma questão metodológica: qual o objetivo desse panorama? Uma vez decidido que os trabalhos antigos não serão vistos como produção inferior, ou como importantes apenas caso se vislumbre alguma semelhança com o pensamento linguístico de alguma corrente atual, levantam-se fatores que ajudam a avaliar, mesmo que indiretamente, a penetração que uma obra teve no passado.

PALAVRAS-CHAVE: *corpus* representativo de autores; tradição gramatical; Historiografia da Linguística.

ABSTRACT: In this paper I discuss the making of a sample of grammatical works intended to trace an overview of the grammatical tradition. This task needs an answer for a previous question: What is the point the researcher is aiming at when studying the past? Some aspects help the researcher in the evaluation of the importance of a grammatical work in the past.

KEYWORDS: authors' representative sample; grammatical tradition; Historiography of Linguistics.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es discutir la elaboración de un *corpus* de autores para trazar un panorama de los estudios gramaticales tradicionales. Para ello, planteamos una cuestión metodológica: ¿Cuál es el objetivo de este panorama? Habiendo decidido que los trabajos antiguos no serán vistos como producción inferior –o como importantes, en caso se vislumbre alguna semejanza con el pensamiento lingüístico de alguna corriente actual–, se levantan factores que ayudan a evaluar, aunque indirectamente, la penetración que una obra tuvo en el pasado.

PALABRAS CLAVE: corpus representativo de autores; tradición gramatical; historiografía de la lingüística.

Recebido no dia 05 de novembro de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de março de 2010.